

# Quando ideal e charme se unem



*Quando o assunto foi prefeitura, Maria Luiza fez questão de frisar que tinham coisas que precisavam ser ditas, e detonou o verbo*

Rápido ela foi galgando espaço. No Liceu, sonhava ser porta-bandeiras. Conseguiu. Daí pra frente, esta se tornou uma prática na sua vida. Seja no movimento estudantil, seja na luta pela Anistia ou Democracia Direta, traz sempre um bandeira em punho. Foi na prefeitura, que as bandeiras menos se fizeram valer. Contra ela, enchentes, buracos, lixos, boicote de verbas, lutas internas no partido, insatisfação popular e acusações de todos os lados. “De puta a sapatão, era a gosto do freguês”. A favor, apenas a “Maria-que-tem-um-projeto-político-e-não-se-afastadele”. Era preciso ter forças. “Chegou um momento em que desejei ter câncer”.

Com raça e garra, dois anos depois de concluído o mandato na prefeitura, Maria Luiza foi eleita deputada federal pelo PSB - uma das mais votadas. Hoje em Brasília, sente-se um tanto impotente. “Esmagada”. O caráter de Maria Guerreira vai perdendo o brilho. Não morre. Embora decepcionada com o Parlamento e com as esquerdas, ela promete continuar nas ruas, fábricas e universidades.

E olha que a batalha vem de longas datas, desde a Universidade, quando era presidente do Centro Acadêmico de Serviço Social e teve de responder a 3 inquéritos. Do mestrado em Sociologia nos Estados Unidos, Maria lembra das manifestações contra a guerra do Vietnã e da dificuldade com o Inglês. Mas era preciso ter manha e graça. Odiou a sociedade americana e voltou para o Brasil com fome de justiça e com o rebento Andréa, fruto de amor e política. Afinal, quem faz política 24 horas por dia, também merece viver e amar como outro qualquer. Maria casou duas vezes. A primeira com o professor da UFC, Agamenon Almeida, com quem teve a filha. O segundo marido foi o também professor da UFC, do curso de Ciências Sociais, Dilmar Miranda. Ela conheceu os dois no meio que mais gosta: o mundo das passeatas e manifestações. Aliás, quando o assunto é ex-maridos, Maria Luiza não vacila. “os meus são maravilhosos”. E não nega a fama de namoradeira. “Inclusive como prefeita cheguei a me relacionar com dois dos meus assessores”.

Nesta entrevista de quase duas horas, Maria Luiza esclareceu coisas que não teve oportunidade na imprensa, quando foi prefeita. Confessa inclusive os erros de sua administração. Rebate as críticas de incendiária e maluquete. E fala dos bons e maus momentos da Maria mulher e política. Porque como diz o poeta: “Quem traz no corpo essa marca, Maria mistura a dor e a alegria”.

**Entrevista com a deputada federal Maria Luiza Fontenelle, dia 30/04/93**

**Produção:** André Barbosa, Ana Cláudia Peres e Lídia Marôpo

**Abertura:** Ana Cláudia Peres

**Redação, edição e texto final:** Ana Cláudia Peres, André

Barbosa e Lídia Marôpo

**Participação:** Adriana Albuquerque,

Ana Cláudia Peres,

André Barbosa,

Fernando Serpa,

Gabriela Frota

Reinaldo, Henrique

Rocha, Kalu Chaves,

Lídia Marôpo, Lyciane

Pires, Michelline

Feitosa, Ricardo César

Pinto, Sílvia Helena e

Sônia Vitorino

**Foto:** Robério Lessa.

**M**aria. Essa é a marca que a define. Aos 50 anos, Maria Luiza Fontenelle tem “tatua-do” no corpo dois mandatos como deputada estadual (MDB/PMDB), uma prefeitura em Fortaleza (PT), uma presença atual no congresso, onde é deputada federal (PSB), e uma estranha mania de ter fé na vida. Quem traz na pele o dom da palavra, do carisma, da teimosia e da coragem, deve seguir mesmo por este caminho: a política. O destino parecia traçado desde criança. A cor e o suor dos filhos dos trabalhadores do pai dela, na fazenda em Quixadá, já eram motivo de preocupação. “Porque eu estudava em colégio com formação que me levava a subir de sério e eles não? As horas de brincadeira dividia mesmo com essa menina, e não com os sete irmãos. O internato com as freiras motivou mais ainda o caráter contestador de Maria. Mas foram a vinda para Fortaleza e a entrada no Colégio Liceu os primeiros grandes passos daquela que tem sede de conquista, na dose mais forte.



A entrevista com Maria Luiza teve que ser adiada do dia 29 para o dia 30 de abril. O motivo foi uma votação urgente em Brasília.

"Com comida ou sem comida". Essa foi a pergunta que Maria fez por entender que a entrevista seria realizada às 12 horas.

Contrariando a expectativa da turma, Maria chegou com 15 minutos de antecedências antes mesmo que muitos dos estudantes.

**Laboratório de Jornalismo (LJ) -** Maria, como é que começou essa sua paixão pela política, realmente?

**Maria Luiza (ML) -** Se você procura do ponto de vista formal, eu digo que ela começou quando eu vim estudar em Fortaleza. Eu estudei no Ginásio Nossa Senhora de Lourdes aos 15 anos, fazia na época a quarta série ginásial e me apaixonavam as atividades dos alunos do Liceu. E uma das atividades que realmente, eram atraentes pra mim, eram as manifestações em torno da questão dos transportes. Existia na época a empresa de ônibus do Sr. Pedreira e, permanentemente, faziam o enterro do Pedreira e manifestações. É tanto que eu passei apenas um ano no colégio Nossa Senhora de Lourdes e em seguida me submeti à seleção do Liceu - porque o Liceu, na época, era considerado um dos melhores colégios do Ceará. E me submeti à seleção por decisão própria. Talvez tenha sido até num processo de emancipação do guarda-chuva da religião porque até então estudei em colégio religioso.

"Perguntei a meu pai: por que eu estudava em colégio que me levava a subir de série e as filhas dos trabalhadores dele não?"

**LJ -** Na sua infância você teve um contato com pessoas humildes. Isso influenciou esse seu caráter contestador?

**ML -** É, porque, por exemplo, uma das primeiras perguntas que eu fiz ao meu pai foi: Por que eu estudava em colégio com a formação que me levava a subir de série e as filhas dos trabalhadores dele, não? E me referindo mais precisamente às filhas do vaqueiro, que inclusive havia um parentesco da família do meu pai com a do vaqueiro. Porque aquelas pessoas eram as pessoas que faziam parte do meu cotidiano e de uma experiência de infância comum.

**LJ -** Você foi eleita para o Centro Acadêmico de Serviço Social em 1963, só que em 64 foi deposta pelo Exército. Como foi este episódio?

"Fui depor um tanto quanto desarmada. Eu não tinha nada a declarar e, se tivesse, tinha como princípio a questão da não-delação"

**ML -** Eu fui de um grupo de líderes do movimento estudantil, na época, que poderia ser chamado do tipo da formação ingênua. Porque na verdade não tinha o domínio da questão do marxismo, tinha apenas algumas pinceladas. E realmente fazia política estudantil muito mais por amor à verdade, para conquistas de coisas que eu fui conhecendo como importantes, do que pela questão do combate ao sistema capitalista e construção de uma sociedade socialista. Então, quando aconteceu o golpe militar, eu não era das líderes que tinha domínio da sua situação. E minimizei até o que poderia acontecer. Porque como eu não tinha vinculação com o movimento mais orgânico da época, do ponto de vista das esquerdas, embora eu tivesse uma ligação com a Ação Popular, mas era uma relação periférica... Participava dos debates da Ação Popular, mas era muito vinculado à JUC (Juventude Universitária Católica), pela própria formação que eu tive. Então, quando eu fui chamada a depor, nos três inquéritos, fui um tanto desarmada. O que me perguntaram eu informei a respeito da minha vida; em relação aos demais, eu nada tinha a declarar. Por duas questões: uma porque eu não tinha mesmo nada a declarar, e outra porque, se tivesse, tinha como princípio a questão da não-delação. Não era nem pela formação estruturada marxista, era muito mais por uma questão de princípio. Respondi três inquéritos: um na Universidade, que não foi com militares; o segun-

do foi no Exército - e eu fui sozinha. Ai havia uma situação de uma pessoa desarmada. E as indagações eram muito mais se o Serviço Social estava preparando as pessoas para a guerrilha. E primeiro eu acho que não tava, porque as freiras tinham uma formação muito tradicional; e segundo porque eu até nem dominava a questão de guerrilha na época. Então, eu me sei muito bem (em tom irônico e rindo) - não sabia de nada. E o terceiro inquérito, estava dirigindo uma assembléia no Serviço Social quando a faculdade foi invadida por um grupo de militares que chamaram as pessoas que integravam o Diretório ou Centro Acadêmico. Eu era presidente, a Maria Laura (hoje deputada federal, PT-DF) era vice-presidente. Nós e outros colegas fomos mais uma vez submetidos a uma série de indagações. Tanto da nossa vinculação com os partidos de esquerda, como dessa coisa da pretensa preparação de guerrilha no espaço do Serviço Social. Realmente fiquei extremamente nervosa dessa vez, porque ai já havia um clima de maior tensão. Muitos estudantes tinham sido retirados dos seus cargos e o Serviço Social era um dos poucos ainda que nós de esquerda estávamos na direção.

**LJ -** Como é que se deu a evolução da Maria do movimento estudantil para a Maria candidata a deputada estadual? Foi uma evolução natural de movimento estudantil para a vida política?

"Foi oferecido um curso... E qual não foi o choque! Todos, professor, esposa, fumavam maconha. Só não eu e uma outra estudante"

**ML -** Tem um break ai, que foi o tempo que eu passei fora do Brasil. Eu passei três anos e três meses fazendo um mestrado nos Estados Unidos e odiando aquele país.



**LJ** - Odiando?

**ML** - Odiando! (risos)

**LJ** - Você fez política lá?

**ML** - Não, não cheguei a fazer política lá porque eu tive muita dificuldade no domínio do Inglês. E a outra dificuldade era exercer a maternidade, porque a Andréa nasceu lá. Eu cheguei em agosto de 70, a Andréa nasceu em janeiro de 71. Então, na verdade eu acompanhei algumas manifestações. Manifestações contra a guerra do Vietnã... E logicamente isso dá uma dimensão muito forte de um processo internacional que eu não tinha, até então. E uma outra coisa: a sociedade americana me pareceu uma sociedade extremamente vazia. Vazia pela relação humana, vazia... A gente percebia como na sociedade americana a questão da sexualidade humana já era objeto da questão do mercado. Participei de movimento assim mais na parte da cultura. Joan Baez era uma pessoa que fazia sucesso na época, eu fui para o show. Os Beatles. E também a questão do golpe do Chile, que eu estava nos Estados Unidos. E a manifestação contra o Nixon - porque foi a época do Watergate - quando houve o processo de corrupção. Então, você começa a perceber qual é realmente o modelo do sistema capitalista. Na época foi oferecido um curso, e esse curso testou a minha formação reacionária, moralista. O professor era considerado um contestador dentro da Universidade, o curso foi feito por um número muito limitado de pessoas. E estudava Che Guevara, Paulo Freire, a Revolução Cubana, entendeu? Então, era um curso de movimentos de contestação. Estudava Alensky, que era um negro, um contestador do movimento negro da época. E eu fiz opção por esse curso... Aquelas coisas que eram a confirmação da sociedade americana. E qual foi o choque! Todos, professor, a esposa do professor, fumavam maconha. Só não eu e uma outra estudante. Então, a dificuldade do Inglês, a dificuldade da temática que eu não dominava e ainda estar passando o cigarro daqui pro próximo (risos). Realmente era uma coisa assim que era muito forte, né? E eu senti assim

como essas questões começaram a quebrar algo que era muito profundo na minha formação de filha de latifundiário, do interior, de freira, de Serviço Social. Então, quando voltei dos Estados Unidos vim com a firme determinação de participar de tudo que pudesse servir de contestação. Fiquei na Universidade por tempo parcial, me integrei num escritório de pesquisa para assessorar comunidades de base e comecei a participar da organização do movimento dos sociólogos: a Associação de Sociólogos, outras atividades e, finalmente, o Movimento de Anistia.

“Quando terminou o filme, que nós olhamos, éramos os que tinham feito política estudantil. Cada um saiu sem nem cumprimentar o outro”

O Movimento de Anistia é o que me bota no eixo da luta político-partidária porque nessa época nós éramos quase ninguém, porque foi num período de muito terror. O Movimento da Anistia começou a existir no Brasil em 74. Só pra vocês terem uma idéia: nós tínhamos, em 75, já o Núcleo da Anistia aqui. Teve um filme apresentado no Cine São Luiz. O nome do filme era “Giordano Bruno” e nós tivemos dificuldade de vender os ingressos para as pessoas irem assistir ao filme em novembro de 75. E quando terminou o filme, que nós olhamos uns para os outros, éramos todos os que tinham feito política estudantil, e eram pessoas ditas visadas e cada um saiu correndo sem nem sequer cumprimentar o outro. Nós convocamos um debate para o sábado seguinte em torno do filme, distribuímos milhares de convites, mas só foram umas cinco pessoas. Então, na luta da anistia nós éramos muito poucas, porque foram as mulheres que iniciaram a luta. Então, nós aqui e em todo o Brasil procuramos a Igreja, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e o MDB. Então,

começaram a insistir - porque eu me destaquei muito nessa luta - que eu entrasse no MDB para me candidatar. A todo momento havia essa insistência, terminou em 78 eu fazendo isso. Eu me candidatei deputada. E, na época, era diretor do Departamento de Ciências Sociais o Edgar Linhares. E eu me indagava e pro Edgar Linhares, se tinha sentido sujar as mãos, não é? Me meter numa coisa tão suja. E o Edgar Linhares dizia: “Faça como diz o Chico Buarque: uma forma de você evitar a repressão é também ser conhecido. Então, você se lança, seu nome ligado à luta da anistia, que é uma forma de divulgar a proposta”.

**LJ** - Maria, você foi eleita deputada estadual pelo MDB e em seguida você foi reeleita pelo PMDB. Eu queria saber qual a análise que você faz da sua atuação na Assembleia Legislativa durante esses dois mandatos.

**ML** - Olhe, se vocês pegam os jornais da época, eu fui considerada uma incendiária. Eu sozinha não! Mas na época nós tínhamos uma atuação em 16 municípios e configuramos essa atuação numa organização que nós chamamos Cedop (Comitê Democrático Operário Popular). Nós compreendíamos, na época, que era importante que as pessoas que tinham atividade política não-partidária, que elas se expressassem como tal. E, na verdade, eu posso dizer até que, talvez nesta época, não tenha havido nenhuma luta do Estado que eu não tenha participado. Seja luta pela terra, seja luta de movimento estudantil, seja luta de operário. E daí minha dificuldade com a imprensa. Houve, no primeiro momento, três lutas que envolviam o grupo Edson Queiroz (Um dos maiores grupos econômicos do Ceará, proprietário de emissoras de rádio e TV e de um jornal de grande circulação). Uma luta de terra, uma luta de metalúrgicos e uma luta de movimento estudantil. Greve na Unifor (Universidade de Fortaleza), greve dos metalúrgicos e houve uma ação de despejo na fazenda Teotônio e nós participamos das três lutas. Na época, os estudantes lançaram uma nota na Unifor, dizendo: Edson é ladrão e chamando

Ela chegou logo avisando que teria que sair às 16:30 para participar de uma passeata e repetiu isso durante a entrevista

A deputada Maria Luiza tinha uma preocupação inicial: se a entrevista dava direito a intervalo para ir ao banheiro.

“Mãezinha, por que você tá tão interessada em fazer isso?” Foi a pergunta da filha Andréa diante da expectativa da mãe.



Ela respondeu que era uma oportunidade de rebater as críticas feitas pelo governador Ciro Gomes na primeira edição da revista.

Falando da experiência de estudar em colégio de freiras dos 9 aos 15 anos, Maria disse que sempre quis sair porque era interna.

Maria tem 4 irmãos e 3 irmãs, onde uma era a mais velha, outra a mais nova e outra mais bonita. "Tive que cavar uma identidade."

os filhos do Edson de homossexuais. E ele atribuiu que a nota era da minha orientação. Bom, por mais que nós fôssemos a todos os órgãos e a todas as pessoas dizer que aquilo nada tinha a ver com o meu comportamento, que eu nunca fiz ataque pessoal até hoje a uma só pessoa, eu me mantive até hoje no combate político, e nunca a questão da pessoa. Mas não foi possível alterar esse quadro, e a ordem era que eu só aparecesse nos programas policiais, quando eu tivesse problema com a polícia. E essa imagem ficou. A imagem da pessoa lutadora, mas também da incendiária.

*LJ - Não houve nenhuma tentativa de reverter essa relação com o pessoal do Grupo Edson Queiroz?*

*ML -* O problema é que o Edson levou isso pro túmulo. Aí foi difícil reverter esse processo. Quando eu era deputada, o Edson Queiroz morreu. Então, foi muito difícil reverter essa questão. Principalmente porque as lutas continuavam. E foram, inclusive, muito acirradas. Logo depois teve uma outra questão, em que o Edson Filho (um dos herdeiros e diretor do Grupo Edson Queiroz) obrigou um operário a se ajoelhar e pedir perdão porque ele tava em greve. E eu denunciei isso também.

*LJ - E quando foi isso?*

*ML -* Acho que foi na greve de 79, dos metalúrgicos da Esmaltec. Então, não teve condições. E na época nem tampouco a gente dispunha de... Eu digo a gente assim: eu, a minha assessoria, as pessoas que participavam da mesma tendência política dentro do PMDB. A gente não tinha sequer um marketing político na época. Quer dizer, ainda era muito incipiente. A gente veio trabalhar mais na época da campanha para a prefeitura.

*LJ - Maria, como é que você se sentia em relação a tudo isso? Como é que foi a Maria que teve uma história toda de luta, que travou contato com esses elementos...*

*ML -* Vai, vai, faça! Eu vou nela!

*LJ - Como é que você se sentiu ao chegar à prefeitura com uma pro-*

*posta de administração popular?*

“Quando sai do PMDB e me filiei ao PT, o Castelo de Castro foi para o ato e disse coisas belíssimas, que é coisa de quem quer bem”

*ML -* Sempre me acompanhou a contradição. Da pessoa que tinha que conciliar dentro de casa com uma família autoritária onde quem tinha vez eram os homens ou mais velhos. Eu era da rabadá, né? Então, é uma rebeldia que vivi como deputada estadual. Eu não queria perder a relação com as pessoas que eu tinha, inclusive os meus familiares. Mas, ao mesmo tempo, é uma luta e um compromisso político que funcionavam para avanços cada vez maiores. E conflitavam com pessoas que - aí eu vou entrar na prefeitura e que foi um dos confrontos mais difíceis que eu tive - que foi com o Castelo de Castro (Dep. Estadual/PMDB, na época). O Castelo de Castro foi meu líder quando eu era deputada e ele era do PMDB. E eu considero uma das pessoas realmente que eu tive uma aproximação afetiva muito maior no âmbito político, né? Ele era uma pessoa muito generosa e muito solidária. E ele era sempre assim comigo. Em todos os momentos mais difíceis eu sentia isso. A preocupação de depois isso me levar a responder processos ou até ser presa... Num momento em que eu enfrentei uma das maiores lutas, aqui no Ceará - que foi a da favela José Bastos -, o confronto com a polícia era quase que diário. E na véspera, o governo anunciou que iria tirar todo o pessoal da favela José Bastos, e ele foi à favela pedir compreensão. Então, eu sentia perfeitamente o nível de solidariedade. Aqui, portanto, era difícil você conciliar essa relação de amizade - uma coisa que até muitas vezes era prazerosa - com o confronto que dificilmente é prazeroso. O que é prazeroso é a conquista. O confronto não! Então, eu digo, por

exemplo: quando eu decidi romper com o PMDB, por conta de uma situação do estado, em que você tinha os governadores eleitos com o mesmo comportamento dos partidos que nós combatíamos anteriormente - usando da repressão, usando, muitas vezes inclusive, da perseguição ao funcionário... Uma postura muito ruim, né? E me diziam da impossibilidade de continuar no PMDB. E culminando com a questão da ida ao Colégio Eleitoral. Porque nós fizemos toda uma campanha pelas diretas, com multidões nas ruas e, de repente, não é mais isso. Então, por exemplo, quando eu saí do PMDB e me filiei ao PT, o Castelo de Castro foi para o ato. E disse coisas, assim, belíssimas - que é coisa de quem quer bem! Bom, então eleita prefeita - aí começa uma luta interna no PT. Desde a minha entrada até a minha expulsão. Quer dizer, a entrada no PT não foi simples. Como nós tínhamos uma corrente política no Ceará - caracterizada aí por uma forma orgânica que era o Cedop - e que eu tinha nas últimas eleições uma quantidade de votos maior que a do PT, na sua campanha para governador - lógico que significava que o nosso peso político era maior. Então, já havia setores do PT que não queriam nossa entrada porque significava o PT dar uma virada na luta, que era o nosso patamar, que era o mais radical. Então, houve dificuldade na minha indicação para prefeita.

*LJ - Como é que você se sentiu diante da realidade da prefeitura?*

“Quando cortamos os esquemas dos que se privilegiavam, fechamos o cerco contra nós. Politicamente incorreto. Eticamente fantástico”

*ML -* Pois é. A realidade dramática, ela não foi configurada por ninguém - e isso precisa ser dito. Então, o meu pecado de não ter



dito isso ainda. Nós encontramos, por exemplo no IJF, a água comunicando com a fossa - então, todo um processo de contaminação. E eu disse: fecha o IJF. E aí uma pessoa da nossa administração, o secretário de Obras, disse: "Fecha todas as atividades e concentra tudo no IJF". Então, num abrir e fechar de olhos, separamos o processo de contaminação que tava havendo, né? Então, por exemplo: nós encontramos a CTC parada. Os ônibus com chassis roubados, entendeu? Nós encontramos a SUMOV com aberrações. Nós encontramos o Departamento de Limpeza Pública parado também. Não tinha cadastro dos funcionários. Tudo que vocês puderem imaginar tinha! Gente morando no Rio Grande do Sul; no Rio de Janeiro - trabalhando aqui - ; pessoas que já tinham morrido há séculos recebendo dinheiro; menores, menores mesmo recebendo dinheiro, crianças. Nós tínhamos 40 mil contra-cheques e nós reduzimos pra 26. E não botamos praticamente ninguém na rua.

**LJ** - Você diria então que a imprensa foi injusta com você?

**ML** - Ai vamos ver como é que entra a imprensa. A imprensa é, primeiro, a expressão de uma classe dominante. E a classe dominante apavorou-se quando nós tomamos as primeiras iniciativas. Os derrotados, ligados ao Lúcio Alcântara, estavam radiantes porque não tinham perdido pro Paes de Andrade. Mas, por exemplo, quando nós demonstramos que não íamos tirar os vendedores ambulantes da rua, quando nós definimos que não íamos pagar primeiro às empreiteiras, quando nós definimos que não íamos botar a polícia onde estavam ocupando terras, quando nós tiramos os jornalistas que estavam pendurados na prefeitura, e outras coisas assim. E quando começamos a cortar todos os esquemas daqueles que se privilegiavam do sistema público para benefício próprio, aí nós fechamos o cerco contra nós. E isso foi politicamente incorreto. Eticamente fantástico! A gente teria que ter trabalhado isso, vamos dizer, de forma parcelada. Não ter dito de uma vez só que nós íamos brigar com todos ao mesmo tempo. En-

tao, logicamente que a imprensa foi sensível a todas as pressões, de todos os setores, inclusive dos próprios funcionários.

**“Naquele momento eu desejei ter câncer, porque seria uma forma de me afastar da Prefeitura sem trair o compromisso com o povo”**

**LJ** - Eu queria saber como é que a Maria pessoa via tudo isso, não a prefeita, sabe? Como é que a Maria mulher se via assim, meio acuada, bombardeada pelo governador, boicotada pela Imprensa?

**ML** - E pelo Sarney (risos). Muitas vezes a gente se sentia profundamente fragilizada, né? O primeiro dado dessa fragilização foi quando nós ligamos para o Camilo Calazans solicitando desesperadamente que ele liberasse os recursos do Banco do Brasil (BB). Por que o BB não liberava os recursos? Porque esses recursos, que eram recursos repassados para o Banco do Nordeste (BNB), era o FPM. O FPM é o Fundo de Participação do Município, que é a verba federal que vem para o município. Então, o BB repassava para o BNB. No entanto, o BB só repassava quando o BNB dizia quanto ele ia ficar e quanto ia liberar para a prefeitura. Então, todo mês nós tínhamos que pedir encarecidamente ao BB que repassasse de imediato os recursos, que nós já tínhamos negociado com o BNB. O BNB ia ficar com tanto e nós ficávamos com tanto. Por quê? Porque era para ir todo para o pagamento da dívida, o FPM, porque era a cota maior. Então, o que aconteceu? Quando o Calazans telefonou aí disse assim: Agradeça à alma do nosso amigo comum, que eu me lembrei dele e acho que se ele estivesse vivo, estava querendo lhe ajudar, que é o Teotônio Vilela (que era senador e foi o baluarte na luta da Anistia, né?) Então, eu virei para o presidente do PT, que tava na

minha frente nessa hora no gabinete: "Como é bom ser mulher!" E cai no choro. Quer dizer, era uma tensão permanente a que a gente vivia... E na época eu li um livro: "Lincoln, tão somente Lincoln", né? Do Gore Vidal. E o Lincoln tava naquele período numa situação muito difícil, de guerra, e resolvia alguma coisa aí ele dizia: "E amanhã, e amanhã?" Então, cada vez que a gente resolvia uma coisa, a gente pensava: "E amanhã?" E amanhã significava o quê? Significava cólera, significava chuva na cidade, que foi uma enchente horrível depois de cinco anos de seca, em que todos os espaços tinham sido ocupados por construção, e era casa caindo, era buraco, cratera sendo aberta na cidade, por conta dessa situação, as águas não tinham para onde fluir e se formavam verdadeiras crateras, né? Então, tinha momentos em que eu tinha situações de verdadeiro desespero. E cheguei num momento de desejar ter câncer. Porque, próximo a esse período, eu perdi duas pessoas da minha família - aliás, três - duas pessoas da minha família e o Teotônio, que era uma das pessoas que eu queria mais bem na época. E eu perdi os três de câncer: a minha mãe, a minha sobrinha mais velha, que eu perdi quando já prefeita -ela era inclusive funcionária da Fundação de Serviço Social de Fortaleza. Então, naquele momento, desejei ter câncer, porque era uma forma de me afastar da Prefeitura sem trair o compromisso que tinha assumido com o povo, né?

**“A política é também fragilizada pelos ataques que são feitos à mulher porque, de puta a sapatão era ao gosto do freguês”**

**LJ** - Mas nesse momento de fraqueza, quem fraquejou: a mulher ou a política?

**ML** - Não dá pra dividir, não. Porque, por exemplo, a política é fragilizada também pelos ataques que

Revelou um dos sonhos do tempo do Licéu: ser porta-estandarte no sete de setembro. Conseguiu esse feito, mas numa outra data.

A ansiedade se fez notar até mesmo durante a entrevista. Maria Luiza percebeu que estava bebendo a coca-cola de uma estudante.

Diante a disparada dos gravadores ela fez um comentário: "Isso quer dizer que já se passaram trinta minutos de entrevista?!"



O professor Ronaldo providenciou alguns salgados para a entrevista. Maria não conseguiu disfarçar a expressão de surpresa.

O jeito falante da entrevistada fez com que, em alguns momentos, perdesse o rumo do pensamento: "Onde é que eu estava mesmo?"

O que mais gosta em Fortaleza é que todo canto é um ponto de encontro. Isso ficou claro com as 29 interrupções da pré-entrevista.

são feitos à mulher. Porque, de puta a sapatão, era ao gosto do freguês. Inclusive o Marcos Fernandes (vireador-PMDB, na época) foi para a rádio dizer que eu cra sapatão. Inclusive o pessoal, na época, queria até dar uma pisa nele e eu disse que não, que a gente enfrentava isso aí era politicamente. Então, na verdade havia esse tipo de fragilidade, mas eu acho que a questão maior era também o fato de você perceber que não tinha condições de aplicar o projeto. Porque a estrutura não respondia. Porque a nossa equipe, alguns até não entendiam a dimensão do projeto, e também porque havia um combate muito forte. E nós dizíamos, a todo momento, que era a dificuldade de ser contra o poder burguês. Toda ela, né? Então, essa contradição se juntava com aquela outra contradição interna da experiência de vida e com outra ainda, que foi prejuízo também para a administração, que foi o fato... Eu queria sempre tomar decisões coletivas e tinha momentos que não dava para esperar ninguém. Então, eu fui uma pessoa que tinha uma prática, a vida toda, de decisão coletiva. Não fui treina-da para tomar decisões nem para posições de mando e queria coletivamente decidir uma coisa que não podia, porque metade do secretariado tinha uma opinião e metade, outra. Então, isso às vezes até fragilizava a minha decisão. Porque, se eu tava num rumo e via metade dos secretários lá na outra, aquilo às vezes me retardava a tomada de decisão.

“Há uma impressão ainda da Maria Cansada de Guerra. É alguém que perdeu o brilho e a imprensa não tem que estar se preocupando”

*LJ - Quando você entrou na Prefeitura, tinha aquela imagem de Maria Guerreira. Quando saiu, a sua imagem tava mais para Maria Cansada de Guerra. E hoje, qual a sua imagem? Tem uma terceira*

*que surgiu aí?*

*ML - Não, eu acho que tem uma imagem que permeou tudo isso. É a Maria-tem-um-projeto-político-e-ela-não-se-afasta-do-projeto-político. Eu mantive esse compromisso até o fim da Prefeitura, e com todas as dificuldades em Brasília - que aí, Brasília é outra realidade, quer dizer, você é minoria (na Prefeitura eu tinha o poder de decisão), em Brasília você se sente impotente porque você é uma minoria esmagada num momento em que a correlação de forças nos é desfavorável, porque nós não temos retaguarda. O movimento popular não está nas ruas para referendar nossas posições. Então, realmente, essa característica guerreira, ela fica um pouco amortecida, entendeu? Então, por exemplo, o que fica realmente, é que eu sou uma pessoa combativa. Mas aí, a questão da Prefeitura está refletindo hoje na comunicação. Ou seja, há uma impressão ainda da Maria cansada de guerra. Ou seja, é alguém que perdeu o brilho e que, portanto, a imprensa não tem que estar se preocupando comigo. É como se o Tasso Jereissati realmente tivesse conseguido abafar o projeto. Quando é que aparece a Maria com alguma coisa realmente diferente? Quando nós entramos com a proposta de Democracia Direta. Por quê? Porque é uma proposta que não está na mesa da burguesia.*

“Tem que correr muita água embaixo da ponte pra que eu lance a minha candidatura... Vou continuar nas ruas, nas fábricas”

*LJ - O que é a Democracia Direta? E qual o exemplo que você dá?*

*ML - É o que nós vamos construir. Não existe. Quer dizer, nós temos o exemplo da Grécia, que houve no passado... E com toda a situação da Grécia, que teve escravidão, ela teve o maior espaço, a cultura que dominou mais aquele período. Hoje, o país que teve mais aplicações de mecanismos de Democracia Dire-*

*ta é o Canadá.*

*LJ - Maria, você foi a primeira prefeita socialista, a primeira prefeita mulher de uma capital. Só que com tanta turbulência dentro da Prefeitura, a imagem do PT até se desgastou e ainda hoje está muito fragilizada aqui em Fortaleza. Só que pouco tempo depois foi eleita deputada - foi uma das mais votadas, né? É esse caráter meio cíclico da política que te impulsiona ou isso decepciona e desilude?*

*ML - Não. Se eu puder dizer que eu sou desiludida com alguma coisa é com o Parlamento. Eu acho que é algo muito ruim, o Parlamento. Eu acho que ele é reflexo do tipo de sociedade que nós temos, onde o poder da classe dominante está cada vez mais abrangente, mais concentrador, mais controlador, e onde o povo tá cada vez mais enxotado. E acho que também eu tenho uma decepção da esquerda. Eu acho que a esquerda tá domesticada. Realmente domesticada, entendeu?*

*LJ - Maria, quais são os seus planos daqui pra frente, esgotou a carreira política?*

*ML - Eu acredito que tem que correr muita água embaixo da ponte pra que eu lance novamente a minha candidatura a deputada federal. Se este processo cada vez mais esmagador de alianças se configurar e o preço pra me eleger forem estas alianças, eu não lanço mais a minha candidatura. Isso é uma coisa muito clara. Eu vou continuar nas ruas e nos bairros, na fábrica, no movimento de mulheres, na universidade.*

*LJ - Você se considera uma pessoa amarga politicamente?*

*ML - Não. Não me acho, não. Eu me acho uma pessoa muito astral.*

“No resto do Brasil, o pessoal fica horrorizado quando a gente denuncia o Ciro. Então, parece uma coisa maluquete mesmo”



À noite, na posse da nova diretoria da Adufc, Maria enfatizou para todos os presentes que havia gostado bastante da entrevista.

**LJ** - Maria, você leu a entrevista que o *Ciro Gomes* deu para os alunos de *Comunicação Social* no primeiro número da revista. Ele chama você de *inconseqüente e maluquete*. Diz ainda que ele e o grupo dele é que realmente são a esquerda no Ceará.

**ML** - Eles não só dizem isto. Eles dizem que sempre eles fazem as coisas melhor do que os outros. E, realmente, por que ele não resolveu a situação de Fortaleza e não tá resolvendo a situação da seca no Ceará? Por que é que teve tanto problema com a área de educação, a ponto da Secretaria de Educação receber ordem de prisão porque estava desobedecendo ordens judiciais? Por que o confronto dele com os funcionários? Por que ele não elegeu o candidato dele para prefeito de Fortaleza? Por que a proposta dele foi a mais derrotada no Brasil todo e no Ceará, o Parlamentarismo? Então, na verdade, se ele está fazendo o melhor e é a proposta de esquerda, o povo não tá concordando. No resto do Brasil, o pessoal fica horrorizado quando a gente denuncia o *Ciro*. Então, parece um coisa maluquete mesmo. Porque eu não quero trabalhar no sentido de conformidade com essa ordem. Pra mim isso significa o que: esterilização de mulheres, prostituição infantil - hoje é com oito anos - através do grande marketing do político. O que é que nós temos: cólera, Aids, nós temos o esmagamento das pessoas e, o que é mais grave, a domesticação humana. Eu lembro que no encontro

“Hoje o Lula é símbolo da aliança com as potências dominantes. Qual é a proposta de aliança da Social Democracia? É *Ciro* e *Lula*”

do PT, o *Florestan Fernandes* dizia que o que mais apaixonava ele no PT, era o fato do PT trabalhar a desobediência civil. E que o *Lula* é um símbolo disso. Hoje o PT não trabalha mais a desobediência civil

e nem o *Lula* é mais o símbolo disso. Hoje o *Lula* é o símbolo da aliança com as potências dominantes do mundo. Então, veja bem, qual é a proposta de aliança da Social Democracia? É *Ciro-Lula*! Porque o *Ciro* representa eficiência pelo marketing e o *Lula* representa o quê? A base de massa sindical que, ainda hoje, a maioria do Brasil tá junto do PT. A maioria dos sindicalizados porque poucos são sindicalizados. Pra mim isso é domesticação. É domesticação de quê? Diante da perspectiva de ruptura do capitalismo e da construção de uma nova sociedade. Precisa chamar essa sociedade de socialista? Não sei se tem que continuar com o nome de socialista. Mas precisa é dizer: se o capitalismo não resolve minimamente os problemas humanos temos que construir uma sociedade cuja base seja uma democracia da maioria, se contrapondo a essa democracia que é da minoria.

“A escolha dos meus ex-maridos tem a ver com essa questão... Pela competência, seriedade e confiança que eles não me enganariam”

**LJ** - A *Maria Luiza* foi sempre assim: revolucionária, política? Você ia pras festas ou só queria saber de passeatas?

**ML** - Eu até comecei a namorar com onze anos! (risos). Mas meu primeiro namorado mesmo eu considero que foi quando eu tinha doze anos. Porque aí eu comecei a me corresponder com ele no colégio. E tinha a cumplicidade das engomadeiras e lavadeiras pra falar com ele por dentro da sala onde eram engomadas as nossas roupas. Ou do pessoal da construção civil, quando eu me pendurava nas janelas usando um muro pra falar com ele do outro lado. Mas ficava de castigo porque eu ouvia as serenatas que ele fazia e eu me debruçava nas janelas, né? No entanto, essas eram as coisas de mais grave

que eu fazia. Mas porque eu acho que a minha sexualidade era maior que o meu senso de obediência. Porque era a única coisa que eu desobedecia no colégio. Eu era superestudiosa, superdisciplinada, super de acordo com o que o meu pai e as freiras queriam. Mas contrariando uns e outros eu namorava rapidamente, assim.

“Descobri a questão da mulher na luta da Anistia. Casei virgem, 22 anos, formada. E não me passava pela cabeça que não fosse assim”

**LJ** - A escolha dos seus maridos tem a ver com a questão da política?

**ML** - Eu fui destacada na JUC (Juventude Universitária Católica), pra livrar o *Agamenon Almeida* (professor de economia da UFC) do comunismo. E o librei pra mim (risos). Então casei. O *Agamenon* é o pai da *Andréa*, né?

**LJ** - Como é ter casado duas vezes e ter dois ex-maridos?

**ML** - É, dois ex-maridos mas teve mais do que isso (risos).

**LJ** - E trabalhar com eles na prefeitura?

**ML** - A escolha tem a ver com essa questão da mulher. Quer dizer, pra mim, eu tinha que trabalhar com as pessoas que eu tinha confiança. Pela competência, pela seriedade, pelo compromisso e pela confiança que eu tinha de que eles não me enganariam, não seriam ladrões. E ainda ontem eu estava arranjando um advogado pro *Dilmar* (*Dilmar Miranda*, professor de Ciências Sociais da UFC) pra se livrar de uma confusão que teve aí pela venda de um carro. O *Dilmar* é o meu segundo marido. Então, na verdade, a escolha dos dois tem a ver com a questão... Eu não sei se, digamos, se fosse um homem teria escolhido as ex-mulheres se elas fossem tão competentes, tão sérias e tão res-

*Maria* vive um amor desde que saiu da prefeitura. No entanto, fez um pedido especial para que não fosse revelado o nome da pessoa.

Tem fama de namora-deira. Maridos, teve dois, ambos professores: *Agamenon Almeida* e *Dilmar Miranda*. A filha *Andréa* é do primeiro.



Quinze dias antes da revista *Entrevista* ser lançada, a deputada Maria Luiza anunciou sua saída do Partido Socialista Brasileiro.

Maria é o que pode chamar de mãe coruja. Fala muito da filha única, Andréa, hoje com 22 anos, estudante de comunicação, na UNB.

ponsáveis. Eu acho que tem um pouco de... Bom, não me sentindo capaz de enfrentar só eu chamo esses dois que são as pessoas que eu sei que vão comigo. Sem traição.

*LJ - Maria, você se acha uma pessoa namorada?*

*ML -* Eu fui. Inclusive quando prefitei. Eu cheguei a me relacionar com dois dos meus assessores imediatos (risos).

*LJ - Você tinha uma rebeldia muito grande no campo político contra o papel tradicional da mulher na sociedade?*

*ML -* Não, eu vim descobrir a questão da luta da mulher na luta da anistia. Mas, na verdade, eu casei virgem, com 22 anos, formada. E não me passava jamais pela cabeça que não fosse assim.

*LJ - E a tua relação com a Andréa, como é?*

*ML -* Eu acho divina. Eu acho uma relação extremamente sadia, sempre foi muito honesta. Uma das coisas que eu tinha mais medo era que a Andréa pudesse ser estuprada - porque pela luta das mulheres era a coisa que a gente mais convivia, era com o estupro. E uma das primeiras coisas que eu disse pra Andréa é que, pelo amor de Deus, não transasse fora de casa pra não ter perigo de ser estuprada por alguém... E a primeira transa da

Andréa foi dentro de casa, com meu consentimento. E eu tive que fazer uma reunião com várias mães porque ela disse que eu era a única mãe que fazia isso e me pediu uma reunião com outras mães, talvez achando que eu era um pouco... (risos). E todas as situações que ela enfrentou, qualquer que seja, ela sempre teve em mim uma aliada muito forte. E vice-versa.

“A pessoa que tem a vida acelerada que eu tenho ressenço o espaço da privacidade e o tempo para simplesmente não fazer nada”

*LJ - Maria, como foi essa história de dizerem que você é dona do Shopping Motel?*

*ML -* Não, eu acho que tem duas questões: uma questão de tentar me atingir na condição de mulher, né? Porque o que mais foi divulgado é que eu era dona de um motel. Podiam ter divulgado que eu era dona de uma outra coisa. Porque, veja bem, o homem sabe que a mulher fragilizada, ela precisa se

recompor pra agir. E é uma forma deles tentarem impedir que eu acelerasse as coisas no âmbito da prefeitura. Agora, há um dado aí que tem um fundo de verdade: existe uma Maria Luiza Holanda, não Fontenelle, que é de Quixadá - e eu sou de Quixadá -, então pode existir algo por aí.

*LJ - Você foi uma mulher que viveu política, que respirou política o tempo inteiro, né? Eu queria saber se, de vez em quando, não dá a sensação de ter deixado de viver outras coisas importantes?*

*ML -* Não, eu penso que qualquer pessoa que tenha a vida acelerada que eu tenho, de atividades políticas, a pessoa ressenço o espaço da privacidade e o tempo pra que você pudesse simplesmente não fazer nada. Quando eu digo simplesmente não fazer nada é fazer alguma coisa. É, por exemplo, ter mais tempo pra ouvir música, ou ler, ou encontrar as pessoas. Porque pra mim, eu acho que ainda hoje a coisa que há melhor no mundo são os amigos. É tanto que a primeira comparação que eu fiz com Brasília, as pessoas diziam, mas por que você não gosta? Eu dizia, porque em Fortaleza, cada canto é um ponto de encontro. Então, conversar com as pessoas, encontrar as pessoas, pra mim eu acho que é ainda a coisa mais importante.